



## DISCUTINDO A RELAÇÃO ENTRE OS MARCADORES SOCIAIS DE GÊNERO E A HOMOSSEXUALIDADE

Deise Azevedo Longaray<sup>1</sup>  
Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>

Este artigo<sup>3</sup> tem como objetivo analisar narrativas produzidas por adolescentes acerca das representações<sup>4</sup> de gênero que se relacionam à homossexualidade, buscando problematizar o entrelaçamento entre as identidades de gênero e as identidades sexuais.

De acordo com Louro (2007), as identidades de gênero são construções sociais e históricas, produzidas em relação às características biológicas, ou seja, os significados sociais atribuídos às masculinidades e às feminilidades são sempre produzidos no contexto de uma determinada cultura. Com relação às identidades sexuais, Louro (2007) também afirma que essas construções se estabelecem e se codificam na sociedade, na história e na cultura e que dizem respeito às diferentes formas de expressar os prazeres e os desejos corporais, que podem ser tanto com parceiros do sexo oposto (heterossexuais), quanto com parceiros do mesmo sexo (homossexuais), ou até mesmo de ambos os sexos (bissexuais).

As identidades de gênero e as identidades sexuais são (re)produzidas e assumidas em diferentes espaços, entre eles destacamos a escola, que é uma instância de aprendizagem que não apenas transmite/produz conhecimentos, mas que a partir de múltiplos discursos, práticas, códigos, regras, saberes, determina o que os sujeitos podem ou não podem fazer, posicionando-os na sociedade. Louro (2000) destaca que “a escola está absolutamente empenhada em garantir que os seus meninos e meninas se tornem homens e mulheres “verdadeiros” que correspondam às formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade” (p. 49, grifos da autora). Neste sentido, a escola participa da constituição dos sujeitos, fabricando as identidades de gênero e as identidades sexuais,

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação em Ciências. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: deiselongaray@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Biológicas. Professora do Instituto de Educação e do PPG Educação Ambiental da FURG. Coordenadora do PPG Educação em Ciências da FURG. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola. E-mail: pribeiro@vetorial.net.

<sup>3</sup> O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado de Deise Azevedo Longaray intitulada “*Eu já beijei um menino e não gostei, aí beijei uma menina e me senti bem*: um estudo das narrativas de adolescentes sobre homofobia, diversidade sexual e de gênero” que foi desenvolvida sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paula Regina Costa Ribeiro pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (Associação Ampla FURG/UFRGS/UFSC) na Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

<sup>4</sup> Para Hall, representação é “parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura” (1997, p. 11).



“legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras” (LOURO, 2007, p. 31).

A heterossexualidade, neste sentido, é reforçada na sociedade, e também na escola, como a única forma “normal”, natural e legítima de expressar os desejos e prazeres, dessa forma há um conjunto de regras, normas, valores, mecanismos que busca definir a heterossexualidade como a identidade sexual “normal”. Tamsin Spargo (2004) argumenta que a heterossexualidade vincula-se ao gênero, uma vez que há uma série de produções de tabus contra homossexualidade, que resulta na coerência dos gêneros aparentemente unidos aos sexos biológicos. Segundo Butler (2003), “a instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação em que o termo masculino diferencia-se do feminino, realizando-se essa diferenciação por meio de práticas do desejo heterossexual” (p. 45). Neste sentido, as relações de gênero encontram-se imbricadas nas identidades sexuais. A sexualidade é atravessada por esquemas classificatórios baseados na oposição e na hierarquização entre os gêneros masculino e feminino. A heterossexualidade compulsória, portanto, conduz os sujeitos, domesticando-os a agir conforme as normas de gênero e sexuais, induzindo-os à relação natural entre os sexos opostos (SWAIN, 2007).

De acordo com os marcadores sociais atribuídos a cada gênero, cria-se expectativas a respeito do comportamento considerado apropriado aos homens e às mulheres, o que relaciona as identidades de gênero às identidades sexuais. Se o menino é meigo, fala carinhosamente e é caprichoso, é *gay*. Se a menina usa calça larga, cabelo curto e joga futebol é lésbica. Tânia Swain (2004) argumenta que

mulheres e homens, assim somos designados ao nascer, assim somos olhados, avaliados, em tons de apreciação ou menosprezo, segundo critérios de beleza, sedução, fecundidade. Assim também nos olhamos, nos criticamos, nos julgamos, submissos ou rebeldes à norma [...] a heterossexualidade compulsória, fenômeno relativamente recente na história humana, passa a ser a regra universal, o que determina a integração social dos papéis do “verdadeiro” masculino e feminino.<sup>5</sup>

A partir desses entendimentos, os sujeitos que fogem do padrão histórico, cultural e social e das permissividades atribuídas a cada gênero passam por constrangimentos e tornam-se alvo de vigilância (SILVA, 2008). Louro (2000) afirma que “a esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia” (p. 80). Dessa forma, neste estudo, operamos com o termo homofobia, no sentido de manifestação de ódio, repulsa, aversão, nojo, etc. não somente em relação aos/as homossexuais,

---

<sup>5</sup>SWAIN, TÂNIA. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense. 2004. Coleção Primeiros Passos, p.16-17.



mas também a transgêneros (travestis e transexuais) e bissexuais. É importante destacar que a homofobia não se articula somente através da agressão física, mas também se articula através de manifestações verbais, como xingamentos, apelidos referentes à homossexualidade, a transgeneridade e a bissexualidade. A homossexualidade, portanto, perturba os heterossexuais, incomoda, inquieta, provoca a rejeição porque subverte a ordem natural (ERIBON, 2008).

Segundo Borrillo (2009),

a homofobia organiza uma espécie de “vigilância do gênero”, pois a virilidade deve se estruturar não somente em função da negação do feminino, mas também da rejeição à homossexualidade. A homofobia é a estigmatização, por repulsa ou violência, das relações sensíveis entre homens, particularmente quando esses homens são apontados como homossexuais ou se afirmam como tais. É, igualmente, a estigmatização ou negação das relações entre mulheres que não correspondem a uma definição tradicional de feminilidade. Dessa forma, a homofobia geral permite denunciar os desvios e deslizos do masculino em direção ao feminino e vice-versa, de tal maneira que se opera uma espécie de atualização constante nos indivíduos, lembrando-os de seu “gênero certo”<sup>6</sup>.

Dessa forma, ao construirmos a heterossexualidade como a única maneira de viver os desejos e prazeres, estamos caracterizando a homossexualidade como desvio, como a diferença. Segundo Louro, “ninguém é essencialmente diferente, ninguém é essencialmente o outro, a diferença é sempre constituída a partir de um dado lugar que se torna o centro” (2000, p. 42). Neste sentido, a heterossexualidade assume o centro, é a referência, uma vez que corresponde às expectativas da sociedade em relação aos gêneros e em relação à própria sexualidade.

#### *As narrativas dos/as adolescentes e as análises*

As narrativas analisadas foram produzidas através da participação de alguns/as adolescentes, de oito (8) escolas de Ensino Médio, do Município do Rio Grande/ RS, em um grupo focal<sup>7</sup>, que foi uma das etapas de uma pesquisa<sup>8</sup> de mestrado citada anteriormente. Desta etapa, participaram vinte e dois (22) adolescentes, sendo dezesseis (16) meninas e seis (6) meninos. Durante o grupo focal discutíamos sobre as questões de interesse dos adolescentes, bem como questões que se relacionavam aos objetivos da pesquisa de mestrado. Ressalto que, a fim de atender as questões éticas e para que se mantivesse o anonimato dos/das participantes, seus nomes foram trocados.

---

<sup>6</sup>BORRILLO, DANIEL. A homofobia. In: Lionço, Tatiana, Diniz, Débora. *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. p. 22.

<sup>7</sup>Para Gatti (2005), o grupo focal é uma estratégia que possibilita “o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum” (p. 11).

<sup>8</sup>A pesquisa mencionada teve como objetivos: analisar narrativas de adolescentes sobre diversidade sexual e de gênero, conhecer os discursos dos/as adolescentes produzidos sobre as identidades sexuais e de gênero, e investigar as narrativas deles/as sobre a homofobia na sociedade, problematizando a importância de discutir esta temática no contexto escolar.



As narrativas analisadas, e apresentadas em seguida, emergiram em um momento que discutíamos sobre os marcadores sociais de gêneros e suas relações com as identidades sexuais, no entanto, ao longo das discussões alguns/as adolescentes destacavam que a homossexualidade masculina causa maior estranhamento e nojo, diferenciando-se da homossexualidade feminina.

**Alex:** *Bah não sei como pode, homem com homem. Não sei qual é a diferença, mas homem com homem é nojento, bah imagina. Homem beijando com aqueles bigodes, ai que nojo!*

**Tony:** *Ah pra mim fica mais estranho sora.*

**Pesquisadora:** *Mas não pode existir amor, paixão, entre dois homens?*

**Pablo:** *Ah não sora. Não vou dizer que eu não concordo, cada um com seu gosto, mas...*

**Tony:** *Não sora eu só não concordo homem com homem. É mais nojento.*

**Rita:** *Mas qual é a diferença de ver duas mulheres se beijando e dois homens? É a mesma coisa!*

**Alex:** *Ah não homem é bem mais nojento, não dá nem de pensar.*

**Duda:** *Ah eu acho assim sabe, mais estranho, porque eu não sei.*

**Alex:** *Que nojo (risos)! Ah mulher com mulher nada a ver. Mulher com mulher dá jacaré.*

**Laura:** *Assim, eu acho que duas mulheres é mais fácil de entender do que dois homens.*

**Alex:** *Eu acho estranho isso de gostar do mesmo sexo.*

**Bia:** *Lá em casa, ta eu sou lésbica (dando exemplo), e o meu irmão é gay, acho que não teria uma diferença do tratamento assim, ah porque ela é lésbica, né...tem essa história porque é homem é uma coisa assim mais nojenta, mais fora do comum, mulher é mais delicado é porque homem né, tem que ter uma relação né...mais isso acho que influencia mais sabe, homem parece uma coisa muito obscena, muito, ai como que é que se fala... mais escandaloso, eu acho que o tratamento diferente seria por isso, eu não trato ninguém diferente, sinceramente. Só que tem pessoas que tipo, vê por esse lado, porque homem é tipo assim... é uma figura paterna, tem que ser forte, tem que né...e mulher é mais delicada, é mais, acho que lida mais com a parte afetiva, entendeu? Quando são duas mulheres parece que... mas homem não, é uma coisa mais agressiva, acho que é por isso que o tratamento é diferente em muitos lugares [...] o tratamento é diferente por essa questão, por mulher ser parte mais delicada e homem mais assim, todo mundo diz: ah pára um gay, o que é isso? Não tem mulher por ai?*

**Pesquisadora:** *Vocês acham que as atividades, as brincadeiras, as cores podem influenciar a homossexualidade assim como as pessoas dizem?*



**Duda:** *Pois é, até porque, eu acho que é mais fácil de entender porque mulher tem mais um apego com outra mulher né, até assim, minhas amigas mesmo no caso, eu sou muito apegadas a elas, eu chamo elas de amor, de tudo, então eu acho que mulher tem mais carinho, mais afeto, já homem é mais grosso, a maioria, então, acho que é por isso.*

**Marina:** *A minha mãe queria que eu fosse bailarina, aí comecei a jogar futebol, aí minha mãe descobriu. Aí um dia a gente tava treinando num campo assim na escola, ela me viu um dia jogando bola, aí ela foi lá na escola me tirou do campo e eu fui embora para casa. Aí eu nunca mais joguei futebol porque ela não deixava.*

**Alex:** *Eu uso roupa rosa e não sou bichona. Eu uso, tá na moda.*

**Pesquisadora:** *Só por isso que tu usa, porque ta na moda, e só por isso que não é coisa de gay?*

**Alex:** *Claro, se não tivesse na moda eu não usava. Tem alguns que acham que eu sou viado, porque eu pinto as unhas, que eu uso gloss, tem uns que acham que eu sou veado, todo mundo acha que eu sou bichona.*

**Duda:** *Ontem um colega nosso no teatro, o João, ele parecia um gay. E todo mundo começou a mexer com ele depois, foi no teatro, só que a voz dele, o jeito dele, ficou muito legal. E a gente, todo mundo ria sabe, como se fosse assim uma coisa absurda. . E eu não duvido que muitos guris estão chamando ele de gay agora, por causa daquilo né.*

**Natália:** *Nós que conhecemos ele, a gente sabe que não é né, mas quem não conhece pode julgar.*

**Duda:** *Exatamente e muita gente vai chamar ele de gay agora, ele é tão bonitinho, mas o João tem uma cara de gay.*

**Pesquisadora:** *Por que tu achas que ele tem cara de gay?*

**Duda:** *Não é gay, eu acho que ele metrossexual na minha opinião, porque ele se cuida, ele é um homem cuidado, tu olha as mãos do João, tem muitas mulheres que não tem uma mão igual a ele, o rosto dele é bem cuidado, não tem uma espinha naquele rosto, que inveja (risos), não mas ele é muito bem cuidado.*

Nas narrativas, podemos evidenciar que a homossexualidade, para os/as adolescentes é permeada por questões de gênero, fato que produz efeitos sobre a diferença entre a homossexualidade feminina e a masculina na sociedade. Por exemplo, na fala de Bia, ela indica alguns marcadores sociais de gênero, ao dizer que o homem, na sociedade, assume uma figura paterna, tem que ser forte, é uma coisa mais agressiva, por isso há um estranhamento em relação à



homossexualidade masculina. De acordo com Borrillo (2009), “ser homem significa ser rude (ou até mesmo grosseiro), competitivo, desordeiro” (p. 35). Já a mulher, segundo a adolescente, é mais delicada, lida mais com a parte afetiva, neste sentido o tratamento é diferente por essa questão, por mulher ser parte mais delicada (Bia). Swain (2004) nos diz que, a todo momento, a famosa diferença “natural” entre homens e mulheres é invocada na nossa sociedade. Ela argumenta que se observa que são “as representações, a educação, os valores morais e a repressão que moldam o sexo biológico à imagem do masculino e do feminino” (p. 62). A autora complementa sua discussão, afirmando que é a rígida construção das características atribuídas aos homens e às mulheres que define e cria a heterossexualidade como norma e a homossexualidade enquanto desvio.

Louro (2000) destaca que “se observa que as formas de manifestação de afetos entre meninas e mulheres envolvem uma proximidade física e uma intimidade que não é tolerada para com os meninos” (p. 54) e isso pode colaborar para que se tenha uma maior vigilância com a sexualidade masculina, uma vez que “diante de qualquer comportamento ou sinal que possa representar um atravessamento das fronteiras sexuais e de gênero (construídas dentro dos moldes hegemônicos) providenciam-se ‘encaminhamentos’ de ordem médica ou psicológica” (Ibid., 2000). Neste sentido, autora ainda destaca que “as expressões físicas de amizade e de afeto entre os homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais” (2007, p. 27). Heilborn também destaca que as relações lésbicas são marcadas pelo companheirismo, “com forte ênfase no apoio psicológico mútuo. Pode-se assim dizer que a deriva do casal de mulheres é sua transformação da conjugalidade para a amizade” (2004, p. 189). Neste sentido, a relação homossexual feminina é extremamente marcada pelo carinho e compreensão, pelo entendimento que uma mulher tem da outra. Dessa forma, “atualiza-se uma imagem de que é em tudo congruente com a representação do feminino como dedicado ao mundo dos afetos” (Ibid., 2004, p. 182).

Ainda sobre essa questão, Fry e MacRae (2009) dizem que a diferença entre a homossexualidade feminina e masculina pode ser explicada pelo fato de as meninas e os meninos receberem educação diferenciada na infância, ou seja, para as meninas dá-se menos ênfase à sexualidade; já para os meninos ela é apresentada como uma forma de auto-afirmação. Os mesmos autores ainda destacam que “o lesbianismo é melhor compreendido, se dermos menos ênfase às relações sexuais e mais aos seus aspectos de sociabilidade e apoio mútuo” (1991, p. 107).

Segundo Eribon (2008), o homossexual é rejeitado, uma vez que renuncia à sua masculinidade. Neste sentido, podemos afirmar que há uma estreita relação entre a masculinidade e a heterossexualidade. Isso pode contribuir para o fato de os/as adolescentes considerarem mais



estranhas as manifestações homossexuais masculinas do que as femininas. Noriega (2000) afirma que as representações definem e afirmam o que socialmente se entende por masculino ou feminino e isso tem um profundo impacto sobre as práticas sexuais. O autor destaca que “a masculinidade tal como ela se define hegemonicamente implica que o indivíduo deseja (ou se espera socialmente que deseje) sexualmente as mulheres” (p. 55, tradução nossa).

Neste sentido, os marcadores sociais atribuídos ao gênero masculino contribuem para a construção de uma masculinidade dominante, caracterizando, dessa forma, a mulher, como o segundo sexo (LOURO, 2007). Ser homem é ser agressivo, é ser dominante e não dominado pela mulher. Neste caso, cabe salientar que ser homem é também não ser dominado por outro homem; ser homem é detestar os homossexuais e mantê-los longe do convívio social. Diante disso, “os processos de constituição de sujeitos e de produção de identidades heterossexuais produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre os meninos e os rapazes” (JUNQUEIRA, 2009, p.19).

Dessa forma, a construção social dos gêneros impõe uma série de ações que devem ser exercidas pelos homens e pelas mulheres, construindo o que é normal para determinado gênero. Desse modo, as representações sobre a sexualidade constroem relações de distinção social, que incidem na fabricação de sujeitos homossexuais e heterossexuais.

### *Algumas considerações*

Ao analisar as narrativas, evidenciamos que a homossexualidade feminina, para os/as adolescentes que participaram do grupo focal, causa menos repulsa do que a homossexualidade masculina. A justificativa se dá pela explicação por meio de questões relacionadas aos gêneros, evidenciando o entrelaçamento das identidades sexuais com as identidades de gênero, pois os/as adolescentes afirmam que entre duas mulheres há mais carinho, amizade, se permite uma relação mais próxima do que entre dois homens, por isso se permite mais uma relação homossexual feminina. Já entre dois homens na nossa sociedade isso não “pode” ocorrer, devido ao fato de que homem na sociedade tem que ser grosseiro, viril, etc. Diante disso, uma relação homossexual masculina gera mais estranheza, tornando-se assim menos aceita.

Além disso, podemos notar que, entre as narrativas apresentadas, algumas consideradas homofóbicas. São elas: “Mulher com mulher dá jacaré”; “... homem com homem é nojento; “Bah imagina!?! Homem beijando com aqueles bigodes, ai que nojo!”, entre outras. Neste sentido, destacamos a importância de discutir essas questões na escola, uma vez que “são locais onde a



homofobia adentra e se manifesta, como uma espécie de herança ou resíduo (JUNQUEIRA, 2009, p. 166)”, problematizando as identidades de gênero e as identidades sexuais, pois o silenciamento das questões sobre a diversidade sexual é uma forma de contribuir para o aumento da homofobia.

A escola é, também, um espaço privilegiado para a (des)construção do binarismo masculino/feminino, problematizando que cada polo contém o outro. Ao escapar o padrão masculino de gênero, ou seja, ao ser mais delicado, ao não gostar de futebol, ser caprichoso, por exemplo, o menino passa a ser “enquadrado” como bichinha, boiola, entre outros. O mesmo ocorre com as meninas, se elas gostam de jogar futebol, não gostam de andar arrumadas e maquiadas, são tidas como sapatonas, machorras, etc. Neste sentido, é possível perceber o entrelaçamento das identidades de gênero e das identidades sexuais, que não são fixas, imutáveis e, portanto, essas são atravessadas por relações de poder.

### *Referências*

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009. Coleção Primeiros Passos.
- GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.
- HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart.(Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direitos. In In: Lionço, Tatiana, Diniz, Débora. *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009. p. 161-193.
- LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade*. Portugal: Porto Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- NORIEGA, Guillermo Nunez. *Sexo entre varones: poder y resistencia en el campo sexual*. México: PUEG – Programa Universitario de Estudios de Genero. 2000.



SILVA, Aline Ferraz da. *Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pelotas - Faculdade de Educação, Pelotas/ RS, 2008.

SPARGO, Tamsin. *Foucault y la teoria queer*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

SWAIN, Tânia Navarro. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Brasiliense. 2004. Coleção Primeiros Passos.

\_\_\_\_\_. Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. In Ribeiro, Paula Regina Costa; Silva, Méri Rosane Santos; Souza, Nádia Geisa Silveira de; Goellner, Silvana Vilodre; Souza, Jane Felipe de (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. p. 9-17.